

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado  
da Faculdade Cásper Líbero  
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)  
ISSN: 2176-4476**

---

**Texto original como enviado pelo/a autor/a**

---

**QUATRO VEÍCULOS, QUATRO VERSÕES**

**Análise de discurso da desintrusão da Terra Indígena Raposa Serra do Sol**

**Wenya Alecrim<sup>1</sup>**

**Resumo**

Este artigo concentra-se na análise de discurso de matérias publicadas pelo jornal *Folha de Boa Vista* e *TV Roraima*, durante o processo de retirada de não-índios da T.I Raposa Serra do Sol (RR). Em meio a conflitos, foram retirados, em maio de 2009, centenas de pequenos agricultores e grandes empresários exportadores de arroz. Buscou-se ainda, neste artigo, comparar os textos dos dois veículos locais, com publicações do jornal *Folha de São Paulo* e *Jornal Nacional*, a fim de entender os enunciados seus contextos sócio-políticos e seus matizes ideológicos. Referencial teórico: Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau, Helena Brandão e Beth Brait.

**Palavras-chave:** Discurso 1. TV 2. Jornal 3. Índios 4. Desintrusão 5

**Introdução**

O Estado de Roraima está localizado a 740 km de Manaus e possui fronteiras internacionais com a Guiana Inglesa e Venezuela. A Terra Indígena Raposa Serra do Sol,

---

<sup>1</sup> Universidade Paulista- Unip. Programa de Mestrado em Comunicação. E-mail: wenyaalecrim@hotmail.com

tem cerca de 1,7 milhões de hectares. O reconhecimento desta terra foi uma reivindicação histórica de cerca de 20 mil indígenas da região.

Em 19 de março de 2009 o Supremo Tribunal Federal confirmou a homologação contínua da Terra Indígena Raposa Serra do Sol (também denominada T.I), determinando a retirada de não-índios da região. O prazo para todos desintrusados - não-índios que ocupavam a T.I. (Santili, 2001)- saírem espontaneamente expirou em 30 de abril do mesmo ano. Foram retirados pequenos colonos, empresários e exportadores de arroz, ficando a terra somente para os índios.

O presente artigo, apoiado na análise de discurso de linha francesa (daqui em diante denominada AD), analisa as maneiras pelas quais o jornal *Folha de Boa Vista* (oito mil exemplares diários) e *TV Roraima* (cobertura nos quinze municípios do estado), - noticiaram este processo. Para isso, tomamos como *corpus* matérias publicadas nos dois veículos durante o mês de maio, período clímax no processo de desintrusão. Posteriormente farei um comparativo com reportagens publicadas pelo *Jornal Nacional* e *Folha de São Paulo*. Alguns dos fatos, durante a desintrusão, eu mesma testemunhei, no período em que morava no Estado e trabalhava como repórter no *Jornal Folha de Boa Vista* e na *TV Roraima* (apesar disso não escrevi nenhum dos textos analisados aqui). Num segundo momento aplicarei conceitos originários da AD para realizar a análise.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), existem no Brasil cerca de 350 mil índios. O conflito pela T.I Raposa Serra do Sol começou há mais de 20 anos. Em 1998, o Ministério da Justiça publicou a Portaria nº. 820/98, que declarou os índios proprietários legais da T.I. No ano seguinte à homologação, a Raposa Serra do Sol passou a ser alvo de contestação judicial entre o Estado de Roraima e a União. A retirada de fato se arrastou por 11 anos. Nesse tempo houve confrontos entre indígenas, produtores, políticos e sociedade. Em alguns capítulos, os ânimos ficaram exacerbados e houve prisões e mortes.

### **Análise do discurso francesa: alguns conceitos**

Para Dominique Maingueneau, estudioso da análise de discurso de linha francesa, cada enunciado é portador de um sentido estável, que lhe foi conferido pelo locutor. O

**6º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero**  
<http://www.casperlibero.edu.br> | [interprogramas@casperlibero.edu.br](mailto:interprogramas@casperlibero.edu.br)

sentido, de alguma forma, está inscrito no enunciado e é decifrado por um receptor que dispõe do mesmo código, que fala a mesma língua do enunciador. Por enunciado entende-se o produto da enunciação, isto é o ato de produzir o dito. Ou seja, o dizer origina a enunciação, e o dito, o enunciado. Além disso, toda fala procede de um enunciador encarnado, mesmo quando o texto é escrito. (Maingueneau, 2001: 21 e 96).

Segundo Helena Brandão (2004), discurso é o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação). Sendo assim, entende-se que a AD nos permite observar os efeitos de sentido do enunciado.

Já para Beth Brait (2007), é necessário olhar para fora do texto, ou como sugere Michael Foucault, enfrentar a “massa de traços” verbais e extraverbais que povoa o texto e aponta para fora dele, vinculando, social e historicamente, sujeito, vida e linguagem. Ainda para a autora, o que se pretende, no entanto, não é atingir a verdade, os verdadeiros sentidos de um texto, ou de um conjunto de textos. Muito pelo contrário, os sentidos produzidos por um texto, assim como os efeitos de sentido, só podem ser identificados a partir de determinados conceitos oferecidos pela fundamentação teórica que possibilita a leitura. (Brait, 2007:181).

Para Mikhail Bakhtin (2009:159), aquilo que falamos é apenas o conteúdo de um discurso. Para penetrar completamente este conteúdo é indispensável integrá-lo ao enunciado. A língua está atrelada a relações sociais estáveis dos falantes.

Por fim, segundo Maria do Rosário Gregolin (2007), para pensar a mídia como prática discursiva e apreender o seu funcionamento, é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem de maneira geral. Para entender a mídia é preciso acompanhar trajetos históricos de sentidos materializados nas formas discursivas.

Os parágrafos acima não tiveram a pretensão de expor detalhadamente os conceitos da AD francesa, mas apenas de indicar os que serão utilizados para análise dos textos da FBV, TVRR, Folha e JN.

### **As TVs e suas versões**

Nesta primeira fase do artigo, analiso 02 vídeos-reportagens que foram ao ar em maio de 2009, pela *TV Roraima* (TVRR), filiada da Rede Globo, localizada na capital Boa Vista e a primeira a se instalar no Estado, em 1970. Desde então até hoje, é a rede que possui maior audiência e credibilidade na região. Em seguida comparo estas matérias com 02 vídeos-reportagens que foram ao ar, no mesmo período, pelo *Jornal Nacional* (JN), destacando semelhanças e diferenças, a fim de detectar traços extraverbais destes discursos. Todas as matérias analisadas possuem o mesmo tema.

A primeira reportagem analisada da TVRR foi exibida no dia primeiro de maio de 2009, um dia após o prazo legal para a saída espontânea de não-índios. A matéria deu voz a colonos e pequenos produtores da T.I (tempo: 02:23, maior texto analisado). A reportagem conta a história de uma família que vivia na T.I há mais de 80 anos. A imagem inicial mostra a copa de uma grande árvore. Sob o mesmo plano, a câmera percorre o tronco e organizados, como que para tirar uma foto de família, são apresentados os personagens desta história. A câmera percorre a fileira de gente e chega ao personagem principal: Adolfo Esbel, um senhor de cabelos brancos, que já sem dentes fala com dificuldades. O texto do enunciador/repórter completa a imagem e mostra a que veio: revelar o descontentamento dos colonos em deixar a T.I. Um idoso de chapéu contesta a decisão do STF de forma veemente. A imagem está fechada no rosto do senhor que demonstra no semblante a impotência quanto à decisão do STF, porém na fala assume outra postura:

SONORA: Quando chegaram eu vou dizer olha, se vocês vieram com o objetivo de nos matar, pode matar...pode matar. Mas daqui eu não arredo o pé pra nada. Se vocês vieram pensando... essa definição por matar pode fazer isso, porque daqui eu não saio não. (TVRR 01/05/2009).

O momento histórico vivido ali era dramático, peculiar, afinal, entre grandes arroteiros, pessoas simples e humildes perderam o pouco que tinham. Ressalto ainda, que devido à demora da desintrusão, anunciada em 2005, muitas pessoas, inclusive os arroteiros, acreditavam que a retirada não aconteceria. Para aliviar esta tensão histórica o

enunciador/repórter, recorreu a um recurso conhecido pelos jornalistas como “happy end” (final feliz), para deixar o texto mais leve. Observe:

OFF: No caso do senhor Esbel por ele ser filho de uma índia, pode haver uma solução.///

Sobe som da fala do desembargador com a família:

Se você trazer dois tuxaus que testemunhem na frente de nós todos, que ...que ele é filho, ..que a fulana de tal prove que é a mãe dela, com a certidão dele, é a mãe dele, que é indígena eu deixo ficar, mas não sei se vai resolver o problema que aí é os índios que vai incomodar vocês. (TVRR 01/05/2009).

A matéria tomou um ar esperançoso e apresentou soluções. Durante dois meses, entre idas e vindas, o presidente do Tribunal Regional Federal da Primeira Região, desembargador Jirair Meguerian, esteve no Estado auxiliando no processo de desintrusão. Nesta reportagem, cercado de policiais federais, vestindo roupas claras, simples para o cargo que ocupa, conversou com moradores e tornou-se o “salvador da pátria”, a voz soberana que poderia ajudar a família humilde. No final da fala de Meguerian, aparece a imagem do senhor Esbel de perfil, com uma das mãos na boca, olhando para baixo, como que procurando uma saída para o caso. O espectador foi induzido a torcer pela família e pensar que o desembargador encontraria uma saída para permanecerem na T.I.

Enquanto em Roraima não se falava de outro assunto, a não ser desintrusão, a nível nacional o contexto histórico da época era outro. Em maio de 2009 o assunto do momento foi à chegada da Gripe A (H1 N1) ao Brasil e as chuvas que atingiram o Maranhão. Devido a isso se acredita que o *Jornal Nacional* tenha exibido apenas 02 vídeos-reportagens nos dias 01 e 02 de maio.

O *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal do país a ser transmitido em rede nacional. A estréia aconteceu dia 1º de setembro de 1969. A idéia era competir com o *Repórter Esso*, da extinta *TV Tupi*. Em pouco tempo tornou-se campeão de audiência e um dos destaques da programação jornalística da TV Globo. Para as filiais da Globo, principalmente as distantes de Rio de Janeiro e São Paulo, conseguir que uma matéria local seja exibida no jornal é sinônimo de reconhecimento.

No dia primeiro de maio o *Jornal Nacional* exibiu uma pequena nota falando sobre a retirada dos colonos. Diferente da matéria exibida pela TVRR, o JN disse que não houve resistência das famílias que deveriam sair da T.I. Veja o texto na íntegra:

Um dia depois do fim do prazo para a saída dos agricultores da Reserva Raposa Serra do Sol, pelo menos cinco famílias permanecem na terra indígena. O presidente do Tribunal Regional Federal da Primeira Região visitou áreas onde as famílias ainda não concluíram a desocupação. E prometeu apoio para retirada de móveis e objetos das casas. Não houve resistência das famílias. (JN 01/05/2009).

A diferença entre os dois discursos é enorme. O texto do JN chama a atenção para ajuda que o desembargador dará aos colonos. Enquanto o JN disse que não houve resistência, no texto da TVRR o repórter fez questão de mostrar a insatisfação dos desintrusados, que alegavam sair da terra apenas mortos. Observa-se que um mesmo tema pode tomar diferentes rumos de acordo com o contexto que o cerca. Enquanto a população de Roraima assistiu ao drama das famílias que não queriam sair, o telespectador do JN foi levado a acreditar que não houve resistências. Afinal, o que seria mais importante noticiar, um processo de retirada de não-índios, anunciado, previsto há anos, ou uma nova doença que matava pessoas em todo o mundo em poucos dias.

A segunda matéria analisada da TVRR foi exibida no dia 05 de maio e versava sobre o destino da produção de arroz da T.I. (tempo 01:20). É mostrado um grupo de pessoas sentadas ao redor de uma mesa. Reunidos, arroteiros e desembargador assinaram um acordo permitindo que os funcionários voltassem à Raposa Serra do Sol para colher a produção. O leve sorriso no rosto de Jirair Meguerian leva a entender que após muita confusão, eles (União e arroteiros) chegaram a um denominador comum. Porém o semblante dos rizicultores aparece sério, preocupado.

A reportagem contou com uma sonora do desembargador Jirair Meguerian. As sonoras em uma matéria jornalística objetivam conseguir uma amostragem de opiniões e reações sobre um tema. Longas entrevistas são reduzidas a algumas palavras. Apesar do tempo das sonoras serem estabelecidos em cada telejornal, alguns editores costumam fixar o tempo máximo de 15 segundos.

Nesta matéria da TVRR, a sonora do desembargador foi de 26 segundos, extremamente grande. Leia:

Essa colheita deve durar cerca de 10 dias e depois eles vão sair obviamente de novo. Eles estão apenas de passagem, porque tanto é que os rizicultores não irão. A solução encontrada pelos três poderes em conjunto: o judiciário através da minha presença, o legislativo através da presença da comissão externa e o executivo através da autoridade policial que dará a segurança e a escolta. (TVRR 05/05/2009).

Acredita-se que essa sonora tenha ficado fora dos padrões por ser do desembargador Meguerian, pessoa que no processo final de desintrusão, representava o cargo mais importante da Justiça Federal. Assim como na reportagem anterior, o personagem ganhou mais destaque, do que até mesmo os envolvidos diretamente com a desintrusão.

Sobre o mesmo tema, o *Jornal Nacional* exibiu nota coberta com sonora no dia 02 de maio. Em geral os textos são semelhantes, apesar disso, o JN inseriu outro personagem: o rizicultor Paulo César Quartiero e ressaltou a resistência dele em deixar a terra.

OFF: O documento foi assinado pela associação dos rizicultores e pelo maior produtor de arroz do Estado, Paulo César Quartiero.

SONORA: Esperamos que isso vá funcionar, tenho certeza que vai.

OFF: Ontem, durante a operação de retirada, Paulo Quartiero discutiu com um delegado da Polícia Federal. (JN 02/05/2009).

A matéria da TVRR contou apenas com a sonora do desembargador Meguerian, (uma sonora). Por sua vez o JN ressaltou a fala do arroteiro (uma sonora com caracteres e nome citado no texto do repórter) por considerá-lo um dos personagens principais do processo. Outra diferença observada foi quanto à fala do rizicultor. Na matéria exibida pelo JN o discurso é positivo, esperava-se que o acordo desse certo. Nas imagens da TVRR, porém, o semblante estava sério, como se aceitara o acordo porque não viu outra saída. Visualizando o contexto econômico, sabe-se que Roraima sobrevivia do funcionalismo público e da exportação de arroz. Para todos os envolvidos na retirada a colheita seria viável, pois a União não passaria pelo desconforto de ver milhares de sacas de alimento perdidos e faria mea-culpa com os arroteiros.

Ao analisar o discurso dos dois veículos observou-se que eles apontaram para fora do texto razões históricas para o que foi escrito. O enunciado, o contexto histórico e cultural revelaram que enquanto a TVRR pensava e respirava desintração, fato importante na história do Estado, para o JN o assunto não foi significativo. Ainda ficou visível que os dois veículos não tiveram o mesmo discurso quanto à desintração. Enquanto na TVRR uma das vídeos-reportagens chegou a ter quase dois minutos e meio, no JN foram exibidas apenas notas cobertas, com pouco menos de um minuto. O telespectador que assistiu apenas as matérias do JN acreditou que o processo de retirada dos não-índios foi pacífico, sem contestação, diferente, no entanto, do que mostrou a TVRR.

### **Jornalismo impresso: outra impressão**

Neste ponto da pesquisa faço a análise de 02 textos impressos publicados pelo jornal *Folha de Boa Vista* (FBV) durante o mês de maio comparando-os com 02 da *Folha de São Paulo* (Folha), sobre o mesmo tema. Limitei a observar a parte textual, uma vez que imagem e disposição/diagramação na página merecem análises à parte.

O jornal *Folha de Boa Vista* foi inaugurado em 1983. Com o slogan “Um jornal necessário”, a FBV é vista no Estado como o jornal de maior credibilidade, tanto pelos anos de atuação, quanto pela linha editorial que desenvolveu.

O jornal *Folha de São Paulo*, surgiu em 1º de janeiro de 1960, da fusão de três títulos (“Folha da Manhã”, “Folha da Tarde” e “Folha da Noite”). Hoje é o jornal de maior circulação e representatividade no país, com uma tiragem em torno dos 300 mil exemplares<sup>2</sup>.

Durante o mês de maio a FBV publicou 39 matérias sobre a T.I Raposa Serra do Sol. Apesar disso, duas foram capa do jornal e por este motivo passaram a ser objeto de análise. No jornal *Folha de São Paulo*, foram publicados 12 textos, em maio, sobre a T.I,

---

<sup>2</sup> Fonte: [http://www.ivc.org.br/clipping/Folha\\_S\\_Paulo](http://www.ivc.org.br/clipping/Folha_S_Paulo). Acesso em 20/07/2010.



entre matérias na editoria Brasil e pequenas notas na editoria Opinião. A Folha enviou repórter e fotógrafo a Roraima para acompanhar a desintração. Por este motivo, separei para a análise 02 textos feitos pelo repórter *in loco*.

A capa FBV de primeiro de maio convidou o leitor a percorrer as páginas 05 e 07, as mais valorizadas do jornal. Duas matérias foram publicadas na editoria de Cidade, como manchete da página. Separei para análise o texto da folha 05, por abordar o mesmo tema da Folha. A matéria teve meia página e apresentou o título: “Produtores protestam e acampam no Centro”. Com esta construção observa-se que o enunciador/repórter deixou implícito que os produtores permaneceriam [por tempo indeterminado] na Praça do Centro Cívico.

A matéria da Folha, publicada também no dia primeiro, trouxe um título aparentemente despretensioso de persuasão e mais ameno: “Arrozeiros protestam em Boa Vista”. Enquanto na FVB a idéia foi dizer que o protesto continuaria por tempo indeterminado, na Folha a intenção foi mostrar que ela aconteceu.

De acordo com Pinto (2009), um dos recursos utilizados pelos jornalistas, para dar peso à matéria, é a aplicação de números. Situação explorada pelos enunciadores/repórteres da FBV e Folha. No texto da FVB o enunciador/repórter disse que os maquinários eram de “seis” arrozeiros e “dez” pequenos produtores. A matéria da Folha, de nível nacional, contou com números mais expressivos e apresentou duas versões sobre a quantidade de manifestantes:

A Polícia Militar estimou em 120 o número de manifestantes. O líder dos arrozeiros e ex-prefeito de Pacaraima, Paulo César Quartiero (DEM), afirmou que "ao menos mil pessoas" estavam na praça no início da noite. (*Folha de São Paulo*, 01/05/2009).

Ao fazer isto o enunciador/repórter disse, sem dizer, que trabalhou com a imparcialidade, tendo o leitor que tirar conclusões e imaginar/acreditar qual das versões era a mais verídica. E ainda, ao considerar o contexto nacional, era interessante para a Folha possuir números mais expressivos para justificar a matéria.

A matéria da FVB, trouxe o rizicultor Paulo César Quartiero como “porta voz” da classe. Enquanto isso a Folha foi mais pluralista, deu voz a políticos do Estado e destacou a posição do Governo quanto à desintrusão ao ouvir o secretário de Comunicação. Mais uma vez, o discurso da Folha foi tentar se eximir de pré-conceitos, apesar de sabermos que isso não existe no jornalismo.

A segunda matéria analisada da FBV foi publicada nos dias 02 e 03 de maio. O jornal não conta com edições de sábado e domingo separadas, por isso produzem exemplares, que saem aos sábados, contemplando as duas datas. Nesta capa o título, “Quartiero espera por tropas federais sozinho na sede da fazenda destruída”, convida o leitor a “descobrir” como foi esse encontro. Dentro do jornal o discurso também é dramático: “Resignado, Quartiero deixa reserva”.

Na matéria da Folha publicada no dia 02 de maio, o título “resumiu” a retirada de arrozeiros e pequenos produtores à saída do rizicultor Paulo César Quartiero e também convidou a saber como foi o embate entre PF e rizicultor: “Líder dos arrozeiros resiste à PF e só deixa reserva após mandado”.

No corpo do texto o enunciador/receptor da FVB adquiriu um tom melancólico e descritivo, desde o momento da chegada da PF, até a saída do rizicultor. Acompanhe alguns trechos:

Estava sozinho, sentado em um banco debaixo de um pé de manga. Passou a madrugada junto com funcionários demolindo as estruturas físicas da fazenda. Não sobrou nada (...) Depois de sete horas, Meguerian chegou à fazenda Providência a bordo de um helicóptero do Exército, acompanhado de dois juízes federais e representantes do Ministério Público Federal (MPF) e da Advocacia-Geral da União (AGU), além do deputado federal Márcio Junqueira (DEM) (...) “Deixe-me ficar até a colheita”, pediu ele ao desembargador, ouvindo um “não posso” como resposta (...). (*Folha de Boa Vista*, 02 e 03/05/2009).

De maneira sutil foi revelado ao leitor a situação decadente de um dos maiores rizicultores do Estado. Ao observar a frase final a sensação é de que o enunciador/repórter estava comovido com a situação: “Quartiero saiu andando em direção ao portão principal

da fazenda, ao lado do deputado Márcio Junqueira, que decidiu acompanhá-lo na desocupação”.

Assim como na matéria publicada pela FBV, os parágrafos da Folha também tomaram um tom descritivo como no momento em que o desembargador redigiu à mão um mandado de desocupação:

O magistrado chegou no final da tarde e redigiu à mão, em uma folha em branco, debaixo de uma mangueira, um "mandado de desocupação", no qual ordenava que o fazendeiro saísse imediatamente (...) Quartiero não foi algemado. Até onde a **Folha** o acompanhou, voltava a pé pela estrada de terra, a mais de 50 km de qualquer saída da reserva. "Estou esperando uma carona", disse. (*Folha de São Paulo*, 02/05/2009).

De forma semelhante à FBV, o enunciador/repórter da Folha deixou implícito no texto que apesar do rizicultor ter possuído tantos bens, naquele momento já não tinha poder, foi vencido pelos índios e humilhado precisou até de carona para votar à cidade.

Em linhas gerais observou-se que os textos da *Folha de Boa Vista* e *Folha de São Paulo*, apesar de suas particularidades, apresentaram muitas semelhanças. Entre elas, a forma descritiva que contaram alguns fatos. Os dois veículos ainda valorizaram os números como forma de sustentar as matérias. Além disso, as falas do rizicultor Paulo César Quartiero tiveram destaque nos dois jornais. Acredita-se que essa semelhança tenha ocorrido porque o enunciador/repórter da *Folha de São Paulo* esteve no local dos fatos, inserido no contexto, clima de tensão, além disso, como passou vários dias no Estado, acompanhou o noticiário local e pode tirar suas próprias impressões.

### **Considerações finais**

As palavras ganham peso, lugar social, de acordo com o uso e apropriação que os sujeitos fazem dela. Muitas vezes podem conduzir a formulação de um conceito enraizado na ideologia do repórter, pois cada enunciado é portador de um sentido conferido pelo locutor.

Por meio da análise do discurso observou-se ainda os efeitos de sentido dos enunciados e que por trás das palavras que compuseram as matérias, existiu uma construção orquestrada de idéias, que muitas vezes passam despercebidas pelos leitores/telespectadores.

Observou-se que as duas TVs adotaram discursos diferentes. Para Roraima, o mais importante naquele momento era o processo de desinrusão, revelar que os arroseiros estavam arrasados com a retirada e os indígenas planejando o que fazer com a terra. Já os veículos impressos tiveram praticamente o mesmo discurso, apesar de a Folha de São Paulo tentar ser mais pluralista.

Entende-se que o texto, o entretítulo, a foto, a localização da matéria na página, as chamadas e a escolha da própria página, assim como a seleção de imagens e falas de um vídeo compõem o chamado discurso jornalístico. Se examinados isoladamente, oferecem uma visão fragmentada do contexto. Estes fragmentos são reveladores quando assumem um caráter emblemático, sendo a palavra o menor fragmento do discurso jornalístico e muitas vezes o mais revelador. Nestes discursos os enunciadore/repórteres ocultaram e mostraram o que pensam, sem até mesmo ter consciência, situação que emociona e motiva ainda mais o pesquisador.

### **Referências**

BAKTHIM, Mikhail. Marxismo e filosofia da Linguagem: problemas fundamentais da linguagem. Tradução 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Introdução à análise do Discurso. São Paulo: Unicamp, 2004.

BRAIT, Beth. O texto mostra a língua, costura e descostura discursos. São Paulo: Puc, 2007

GREGOLIM, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades comunicação, mídia e consumo. São Paulo, 2007.

LEMOS, André org et al. Mídia. BR: Livro da XII Compós. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de Comunicação. Tradução Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

SANTILLI, Paulo. Pemongon Pata: território Macuxi, rotas de conflito. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

YORKE, Ivor. Telejornalismo. Tradução 4ª Ed. São Paulo: Roca, 2006.

ZANCHETTA, Juvenal. Imprensa escrita e telejornal. São Paulo: UNESP, 2004.

TV Roraima (01 e 05/05/2009)

Jornal Nacional (01 e 02/05/2009)

Jornal Folha de Boa Vista (01, 02 e 03/05/2009)

Jornal Folha de São Paulo (01 e 02/05/2009)

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo>

[http://www.ivc.org.br/clipping/Folha\\_S\\_Paulo](http://www.ivc.org.br/clipping/Folha_S_Paulo)